



**CLÁUDIA
ANDRADE**

**A Ressurreição
de Maria**

ELSINORE

ÍNDICE

7

Eucaristia

—

27

O equívoco

—

44

A ressurreição de Maria

—

56

Cefaleia

—

71

Escrever a lápis

—

87

Os honorários dos anjos

—

95

O aniquilador

—

120

Ter sorte

—

125

Ermenegildo Olimpianino

—

EUCARISTIA

Como sempre, Elias demorou a sair, desta vez porque vacilara incessantemente entre duas camisas de diferentes tons de azul, nenhuma particularmente lavada, para a frente e para trás entre o quarto e o espelho do vestíbulo, tropeçando nos cães como ele cada vez mais neuróticos, irritadíssimo, sem se lembrar de que poderia expulsá-los para o quintal. Pouco depois, frente ao vidro espelhado do supermercado, teve a certeza de ter escolhido a camisa errada. Chegou a considerar voltar atrás, mas a porta automática, abrindo-se, libertou-o finalmente desse impasse e conduziu-o em linha recta à secção das flores.

Escolher um ramo assim, de uma confusa e semiespatifada pilha rente ao chão, enquanto os restantes consumidores, apressados, lhe roçavam o rabo com os carrinhos e sacos, possuía qualquer coisa de indigno, de infame. Não obstante, era a forma exequível de comprar flores todos os dias sem entrar em bancarrota. Por um momento muito breve sonhou uma florista de bairro atrás de um largo e sólido balcão, que ao vê-lo entrar começasse de imediato a produzir um *bouquet* esplêndido. Essa florista — delicada, solitária, celibatária, apaixonada,

paciente — trocaria com ele pequenas afabilidades e conversas de circunstância, e, após a intimidade de um silêncio e um sorriso, quase em surdina, perguntar-lhe-ia como estava *ela*, a sua mulher, ao que ele responderia: — Ainda entre nós —, o que remeteria a florista a uma respeitosa e profissional circunspeção. Escolheu um dos *bouquets* da ponta, com as rosas magenta ao centro, mas, observando-o de mais perto, descartou-o por causa de umas peónias roxas, algo fúnebres. Acabou por preferir um arranjo com três girassóis simples rodeados de gipsófilas.

No carro, tinha a postos um copo com água encaixado no lugar próprio, e nele colocou as flores antes de seguir viagem para o hospital, nos subúrbios. Tomou, como sempre, o mais complicado caminho de saída da cidade pela vantagem de passar junto ao café onde se haviam encontrado pela primeira vez. Ocasionalmente, a luz vermelha do semáforo obrigava-o a contemplar durante demasiado tempo a mesinha frente à qual a vira sentada de joelhos muito unidos, alisando a saia, a ansiedade maldisfarçada dos olhos e das mãos, e só as buzinas coléricas dos carros de trás restauravam em Elias a lucidez necessária para meter a primeira e arrancar. Mas hoje a esplanada estava apinhada, a luz, verde, e Mina não tomou forma. Por muito que ele tentasse tornar aguda a lembrança e se empenhasse em forçar ao peito uma dor mitigadora, não o conseguiu. Encheu-se de pânico, porque um momento em que não sofria era o possível prenúncio de que o coração lhe secava, e prosseguiu, desesperado, a esgaravatar com a unha a memória viva e ferida: de joelhos muito unidos, Mina olhava em volta sem nenhuma precaução de tentar parecer menos nervosa do que estava realmente. Tinha-lhe desagradado um pouco essa despreensão, assim como o rosto, que era o mesmo da fotografia, mas menos simétrico e afável do que prometia o ângulo

estático a partir do qual se habituara a vê-lo no ecrã. Chegou a considerar deixá-la ali à espera para sempre, como havia acontecido com uma ou duas que observara de longe e também o não tinham cativado especialmente. Mas ela ergueu os olhos, viu-o, reconheceu-o e acenou-lhe sem hesitar. Depressa se demonstrou uma criatura benigna, agradável, algo sofrida, que, quando atrapalhada, puxava o lustro às dragonas da feminilidade, coisa que Elias achara cativante. No fim do jantar tinha-lhe dito de chofre que gostava dele e que o queria, como se fechasse uma porta de propósito sobre os seus dedos, o que voltou a desencantá-lo sobremaneira, mas não definitivamente. O facto que acabou por subjugar-lo foi ela, na hora de se deixar levar para a cama, ter-se entregado ao desnudamento sentando-se na beira da cama e postando-se de braços no ar como uma criança. E também, depois, ao longo do tempo, a rotina milagrosamente transitável, o prodígio impossível das idiosincrasias suportáveis, o tédio que não se descomedia, as zangas que não chegavam a atacar o fígado. Com Mina, Elias aprendeu a aceitar que um relacionamento se planta no húmus das razões para ficar, mas só sobrevive enraizado fundo na ausência de motivos para partir. A sua solidão suavizou-se com a chegada dela. Foi tudo, e foi quanto bastou. No espaço de um ano tinham-se mudado para um pequeno rés-do-chão com um quintal para os três cães. Quando ela surgiu com mais um animal, acolhido da rua sem o consultar, embrenharam-se numa tremenda discussão que o pôs a dormir no sofá. E no fim da tarde seguinte, tendo-se atrasado propositadamente no escritório na intenção de lhe levantar suspeitas e causar angústias, Mina esperava-o na sala com a cabeça entre as mãos. Elias, atrás do volante a caminho do hospital, conseguiu por fim o sobressalto penoso, a laceração no tecido da consciência, a aresta onde rasgar

e vazar o furúnculo da culpa. Esperava-o com a cabeça entre as mãos. Havia recebido os resultados de um exame médico de rotina, e com eles uma notícia devastadora. Elias, ainda sob a influência do rancor, algo alienado, entorpecido, não estreitou demasiado o abraço que ela correu a dar-lhe. Tinha-a ouvido e compreendido, mas não assimilado.

O edifício do hospital era de uma estrepitosa fealdade, uma estrutura hedionda de betão encardido, concebida pelo possuidor de um sádico pragmatismo a quem claramente não passava pela cabeça que pudesse ele próprio vir a acabar os seus dias num sítio assim. Não teria perdido, possivelmente, pela demora. Nos últimos tempos, Elias estacionava na lateral, junto às janelas de presídio, às escadas de incêndio carcomidas, e às vermiculares saídas de ar condicionado. O parque de estacionamento propriamente dito ficava diante da fachada, a parcela apesar de tudo menos tétrica do edifício, e separava-o dela ainda um pedaço de jardim arbustivo — um pequeno embuste. O motivo pelo qual Elias evitava esse parque era, no entanto, menos uma esquiva a esse logro e mais um hábito que permanecera após alguns maus encontros com os amigos dela, quando ainda a visitavam.

A mãe, que todos os dias chegava primeiro num desportivo vermelho, pelo contrário, ele procurava. Não parecia frequentar a cafetaria do hospital porque todos os dias atravessava, no alto dos seus saltos resolutos, quatro faixas de rodagem a caminho da pastelaria do outro lado da avenida. Elias seguia-a. Apesar de lhe não apetecer e lhe fazerem falta os trocos no bolso, bebia ali um café, e procurava coleccionar sobre ela por menores tranquilizadores: vestia bem, usava óculos escuros como alguém que chorasse muito, usava gestos ponderados, elegantes. Ao acender o cigarro, à porta, atirava para o lado

direito da cabeça a sua longa cabeleira tingida de louro e rodava muito o pescoço. Elias podia observá-la à vontade a coberto do facto de nunca lhe ter sido apresentada, assim como da circunstância de todos os machos ali a observarem também com bastante interesse, a despeito da idade madura. Um tanto frívola, pela sedução em circunstâncias tão malogradas, assim como pela leitura atenta das revistas de celebridades, mas nada de mais, não um monstro. Não um monstro. Até porque, depois do segundo cigarro, regressava ao hospital.

Elias avançou para as traseiras, procurando o anexo da qui-mioterapia. Havia conduzido Mina até ali no primeiro dia dos tratamentos, como lhe competia fazer. Deixara-a segurar-lhe a mão o caminho todo, apesar de ser perigoso para a condução e de todos os tendões se lhe lesionarem, de tão tensos, desde os dedos até ao pescoço. Tinha-a acompanhado rigorosamente até à porta e suportado o seu abraço pungente, chegando mesmo a colocar também os braços em seu redor. Não havia conseguido, no entanto, romper o véu sensível e vascularizado da sua inércia e regressar mais tarde para a buscar.

Rodeando o anexo, os ciprestes. Elias avançou, recuou e voltou a avançar em várias diagonais de aproximação, olhando por cima do ombro na pequena rua estreita e deserta. Já muito perto deles, fingiu escutar alguém a um telefone que não tinha na mão enquanto duas mulheres desapareciam ao longe. Depois, enfiou a cara no espaço escuro e fresco das ramagens, que se fecharam sobre ela como um casulo. Uma aranha espavorida passeou-lhe na testa, o que não lhe poderia importar menos. *Cupressus sempervirens*, a árvore sempre viva, o fogo do paraíso. No bolso das calças, um frasquinho de óleo essencial dessa delícia metafísica, uma exorbitância por algumas gotas, como não poderia deixar de ser. Desarrollou-o e inspirou

profundamente. Impenetráveis para os gatos, as mais vetustas e altas dessas árvores sempre foram o anfiteatro de eleição dos concílios de passagem dos mais variados pássaros. O *Tratado da Árvore* tinha-lhe explicado tudo, e, nos últimos meses, Elias havia-se tornado prosélito dessa nova religião.

Mas na manhã em que acompanhara Mina até à porta do pavilhão, ao dar meia-volta e deparar com o cerco de ciprestes, árvores de cemitério, num sítio como aquele, sentiu necessidade de esfregar com força, no tecido áspero das calças, a mão que ela havia segurado, num abstracto procedimento de descontaminação. Agora repetia o gesto para se envergonhar e magoar, mas a vergonha escarafunchava em vão num calo empedernido e insensível. Por algum motivo, ali em redor do hospital, por muito que tentasse, conseguia apenas emoções rombas, inócuas, anestesiadas.

Seguiu caminho pelas traseiras, que consistiam num bloco único de cimento armado esburacado de janelas mínimas, dando para um pátio repleto de caixotes do lixo, seguido de um relvado extenso e vazio. Era inexplicável a razão por que ninguém se dignava projectar para ali um — perfeitamente exequível — bosquezinho com um trilho, um carreiro que permitisse aos doentes um pequeno passeio, a oportunidade de mobilizar o esqueleto, matutar na cura ou na morte, apanhar um pouco de sol. Mesmo o exíguo jardim que rodeava o parque de estacionamento frontal fazia-se de minicolinas escorregadias de caruma, refractárias aos titubeios dos chinelos hospitalares. Só o círculo de terra batida estreitado de ciprestes, em redor do pavilhão de quimioterapia, se parecia algo com um convite a alguns passos pensativos, embora circulares. Os doentes estavam assim aprisionados, não apenas nos seus corpos em falha, mas, desnecessária e redundantemente, também na gaiola

terapêutica dos seus últimos dias. Elias entregou-se por momentos a uma fantasia com velhos pinheiros, ciprestes e carvalhos, Mina deambulando por uma vereda frondejante numa vaporosa camisa de dormir, ele surgindo-lhe à frente de surpresa, com as flores, as narinas dela principiando a dilatar-se no choro da melancólica felicidade. Suspirou.

Acabou de rodear o edifício e sentou-se por fim a uma sombra raquítica do pequeno jardim frontal, posição quase invisível para os passantes, mas panorâmica para si. O nódulo da pequena árvore em que se encostava estava exactamente onde esperava encontrá-lo, e era possível que o contacto repetido com o seu corpo tivesse já contribuído para a textura alisada da casca. Podia localizar sem olhar, e evitar, o habitual carreiro de formigas, e da mesma forma poderia desenhar de cor o mapa das raízes visíveis à superfície, interessantes de comparar com o intrincado azul das veias dos pés, que sempre descalçava à chegada ali. Num instante podia deitar-se e cruzar as mãos sobre os olhos, imitando um daqueles palermas veraneantes dos parques citadinos. Fê-lo. A disposição das ramagens recobertas de agulhas variava de acordo com o humor do céu. Hoje eram benignas, soalheiras.

Depois de algumas horas observando absorto as idas e vindas dos visitantes, uma criança passou perto, pela mão da mãe, ensaiando uma passada rotativa para fazer inflar uma saia de folhos cor-de-rosa, até que tropeçou, descalçando um sapato. Por algum motivo ficou a chorar, inconsolável, com o pé descalço pousado sobre o outro, olhando o sapato virado às avessas como a uma estrela impossível de alcançar. *A mãe vai calçá-la, confortá-la*, pensou Elias. De facto, a mãe fez algo parecido. Pegou no sapato, depois na menina ao colo, e prosseguiu a andar. *Irrepreensível, de qualquer modo*, considerou Elias. Pela sua

parte, pouco recordava sobre uma época tão remota, obscura e irrelevante como a infância, mas achava que, em termos gerais, é o que as mães fazem, resolvem pequenas indisposições de uma maneira ou de outra, e não devemos ser picuinhas face a um silêncio doce em vez de uma palavra açucarada. Da mesma forma, pela vida fora lá estão elas, as mães, normais como coisas pousadas no lugar de sempre.

A primeira vez que ouvira Mina falar da mãe fora nos segundos que tinham antecedido a revelação terrível. E quanto mais revivia esse momento, mais convicto ficava de que Mina havia expressado bem mais horror na referência a essa mulher do que na confiança de morte que se lhe seguira, o que era tão insólito e absurdo que explicava, e parcialmente desculpava, o porquê de ele ter emudecido, enquanto nela a angústia recrudescia e a voz se esganiçava, impacientando-o.

— Não me deixes, por favor. Toma tu conta de mim, para que ela não venha atormentar-me. Imploro-te.

A coisa era tão pungente que eu prometi, como qualquer um de nós retiraria de imediato, e de forma absolutamente involuntária, a mão de um objecto a ferver.

Elias analisou o coração sujeito ao torniquete da memória e encontrou-o quase incólume, o que considerava ignóbil. O melhor que conseguia era uma espécie de cólica um degrau abaixo, no estômago desguarnecido. Considerou a cafetaria no piso da ortopedia, bastante decente e muito mais barata do que a pastelaria cá fora, as sandes generosas e a máquina que em troca de uma moeda oferecia espumosos *cappuccinos*. Contemplou essa possibilidade sentado imóvel na caruma, e assim permaneceu. Havia mais ou menos três meses que Elias não franqueava nenhuma das portas do hospital, desde o episódio do elevador.

Não estou aí, Mina, mas estou aqui, dizia-lhe frequentemente com toda a eloquência muda e aptidão telecinética da sua mente. *Estar aí ou estar aqui, se formos a ver, é a mesma coisa. Estou cá fora e zelo por ti.* Ela ouviria o seu silêncio. Face à catástrofe em consumação, quaisquer palavras banais ou estúpidas, a serem proferidas, acabariam por extravasar em muito o absurdo da sua banalidade e estupidez, constituiriam nada menos do que um crime, mais um, cuja ressonância ecoaria até ao fim dos tempos e para lá deles. Por isso, embora Mina houvesse ligado várias vezes e suplicado ao atendedor automático que a contactasse, Elias mantivera-se calado, firme e hermeticamente.

Deitado de costas, muito quieto, olhos entreabertos num ângulo que dispensava o pestanejar, respirava e analisava o acto de respirar. Vista dali, a morte não lhe parecia grande coisa. Era algo como a confortável obrigação a uma quietude horizontal, que de qualquer forma teria sido a maneira sensata de passar a vida. A morte poderia mesmo ser, quem sabe, uma felicidade cinzenta, estagnada, dormente. Fechou os olhos por um longo momento. Quando os reabriu, o humor das ramagens tinha-se alterado, encontravam-se de sobreaviso e em ris-te, e ele pôs-se de pé accionado por uma mola interior. Sentiu vontade de procurar o carro da mãe de Mina no parque de estacionamento. Deu cinco passos e lá estava ele, vermelho, desportivo, central. Nos dias de grande afluência, encontrá-lo-ia mais plausivelmente a impedir o acesso principal do que num recôndito lugar livre. Um pouco estridente, esse procedimento, mas não maligno. Não maligno. Deu a volta ao carro sem lhe tocar, procurando pistas. Na verdade, não sabia o que procurar.

Resolveu ir ao quiosque. Lá estava a mulher magra e pernalta de sempre, emoldurada por revistas e raspadinhas. Sabia-a silenciosa, e talvez um dia viesse a constatá-la compreensiva,

de trato fácil, amante de animais e matinés de cinema. Mas era um problema para a sua consciência previdente e escrupulosa a escolha da porcaria que havia de comprar no propósito de meter conversa com ela. O que poderia ele adquirir que não o fizesse parecer mal no momento de confessar que a sua presença ali se devia ao fim próximo da sua mulher no hospital em frente? Uma cautela de lotaria seria decerto mortal para qualquer futuro entendimento. Um isqueiro? E o que pensaria ao descobrir que não fumava? Mas se nada comprasse, como poderia tornar-se seu conhecido, um item amável no repertório dos rostos familiares, uma centelha latente que pudesse depois vir a incendiar-se? Hoje, pousavam-se alguns livros sobre o refrigerador e Elias avançou para lhes ler as lombadas. Chegando perto, viu que se tratava de fascículos eróticos de bolso, e afastou-se lenta e embaraçadamente.

Regressou ao parque de estacionamento e deu mais duas voltas ao carro da mãe, do qual tornou a não retirar ilações. Resolveu então caminhar um pouco na direcção do mais irredimível bloco de dormitórios suburbanos, ao longe, como fazia de vez em quando para melhor reconvocar a ideia de morte e sobre ela formular alguma conjectura, alcançar uma faúlha de elucidação. Reencontraria o pequeno toldo desbotado com a sua esplanada improvisada de mesas e cadeiras, todas cambas; passaria pela arca frigorífica quase vazia em cujo fundo alguns gelados disformes adornavam um frango decapitado; confirmaria na parede, no mês correcto do ano errado, o calendário com o leitãozinho adorável e confiante conduzindo o olhar do observador até ao nome da empresa familiar de carne. Parado frente ao balcão vazio, ignorado por alguém que por detrás dele realizaria gestos lentos de costas para si, Elias sentir-se-ia impregnar pelo espaço escuro e sujo, e pediria às costas mudas, embora perfeitamente

cientes da sua presença, o seu café queimado e o seu bolo industrial. E a ideia de morte assomaria então. Que mais poderia assomar? Mas já se fartara de andar e não havia café nenhum, era como se o tivesse sonhado, embora o sítio precisasse de existir porque os lavabos, tal como os recordava, jamais os poderia ter imaginado. Deu meia-volta e intensificou a atenção no muro de cimento e nas fachadas lúgubres que surgiam quando este se descontinuava para prosseguir mais adiante. Nesse assomo intermitente compreendeu que era nada menos que a vida que se intervalava, ora nada, ora náusea, ora nada, ora náusea, e voltou a pensar no hospital, nos três andares tumultuosos, caóticos, medonhos, repleto de pessoas atormentadas, coléricas, hostis; as cadeiras nas quais os idosos somavam aos outros padecimentos a falta de ergonomia; os médicos, quando bons, bons como bons sapateiros; os funcionários de uma eficiência azeda, de uma acrimónia mais despudorada e cândida do que a de quaisquer outros funcionários de assuntos, por assim dizer, supracutâneos, pondo ao peito o desprezo justificado e legitimado pelos métodos científicos que usavam para comprovar que cada cliente em espera esconde em si nada mais que tripas e merda. Nestes pisos luta-se, atam-se garrotes para a vida não se esvair, abrem-se peitos a eito, amassam-se corações com as mãos, se preciso for, como ao pão de cada dia, e nasce-se, credo, há realmente gente que ali vai para se rasgar em gritos lancinantes e largar um filho neste mundo, sendo possível ainda que chore de alegria, gente cega a tudo que não uma esperança obstinada e estúpida, ensanguentada e nua, gente perdida a rir um riso de louca no vórtice sem esperança da existência. Mas sobe-se um piso acima do terceiro e que bem que se está, as paredes tornam-se verdes como uma velha tarde de Verão, reina um silêncio repousado, os funcionários perdem os atributos e a índole que

faziam deles funcionários e são promovidos a pessoas, piedosas, por vezes verdadeiramente humanas, sendo que a humanidade pode finalmente dar-se ao luxo de se reinventar ali, onde quase já não há vida. Os médicos interdisciplinaram-se, abraçam a metafísica, de onde na verdade nunca deviam ter saído, melhora até o cheiro dos detergentes, odor que não é ainda o adocicado da morte, mas a promessa da sua proximidade. E muito mais haveria para farejar, examinar, aprofundar e compreender, tivesse Elias podido percorrer livre e incógnito os corredores e as alas daquele sítio não obstante dantesco, daquele paraíso postiço onde a sua Beatriz, tão próxima e tão longínqua, vai perdendo os contornos. Mas era constantemente distraído pelos vultos que o seguiam, pelas bocas detractoras que o maldiziam aos bocais dos telefones, gente que tentava abordá-lo «para uma conversa», querendo obrigá-lo a morder o isco luzidio da absolvição, fazê-lo entrar pelo quarto de Mina adentro, forçá-lo a queimar as mãos no fim do pavio abrasado da sua duração e ficar a assistir de camarote à vida a extinguir-se-lhe na cagada monumental da eternidade. Até que um boçal o agarrou pelos colarinhos no elevador apinhado da hora da visita, e lhe rosnou: — Parto-te os cornos, mariconço. — E pronto, Elias abrigou-se definitivamente cá fora, onde, a bem da verdade, se está melhor.

Ainda que o café se consubstanciasse agora, ser-lhe-ia impossível engolir o que quer que fosse. Num gesto que se tinha tornado já absolutamente seu e, portanto, inconsciente, alcançou o frasquinho e aspirou o *Cupressus sempervirens*, o aroma depurador do sangue resinoso, a conflagração aromática do fogo do paraíso, antes de o devolver ao bolso. Regressou ao carro, acariciou os girassóis e gipsófilas cozinhados a lume brando, ao longo do dia, no carro hiperaquecido, e voltou para casa. Ao entrar foi assaltado pelos cães e pelo odor do

apodrecimento dos *bouquets* prévios. O agonizante arranjo de girassóis não cabia em nenhum dos recipientes já ocupados, e Elias viu-se obrigado a sacrificar a sua última caneca a uso. Não pôde alimentar os cães, tinha-se esquecido de comprar comida. Anotou-o no bloco-magneto do frigorífico, reparando que tinha apontado exactamente o mesmo no dia anterior e no dia antes desse, e saiu por um momento ao quintal para perscrutar o céu. Cheirou uma vez mais o frasquinho de *Cupressus sempervirens* e deitou-se. Estava muito cansado e não lhe apetecia ler.

— Boa noite, Mina — desejou em voz alta, e a boca encheu-se da substância estranha daquelas palavras que costumavam ser pensadas mas não ditas. Pouco depois, o telefone tocou.

— Ela acabou de morrer. Estás contente, agora? — disse-o uma voz amarga e não identificada, antes de desligar.

*
* *

Ocorreu a Elias que o rapaz, chegada a hora da verdade, poderia acobardar-se e mudar de ideias. Nunca tinha dado um murro em ninguém, mas, apesar de um certo receio — da possível reacção do agredido, da lei, dos próprios carpos —, a ideia entusiasmava-o sobremaneira. Abria e fechava a mão direita, rodava-a sobre o pulso, sonhava o som crocante dos maxilares do outro. *Se eu chego e ele se põe com merdas*, decidiu, *parto-lhe as ventas*. O outro parecia ter adivinhado os seus pensamentos, porque se aproximou de imediato com um velado aceno positivo. Levou Elias por um caminho estreito e complicado entre barracões, mandou-o esperar até ouvir um assobio, e depois apressar-se. Desceram num elevador de carga. Lá, o rapaz mandou-o esconder-se no cubículo de uma casa de

«Na poalha das idades outonais a vida tenta montar as suas astúcias, os seus jogos de obliúvio e arroubo. Podemos, por exemplo, passar a acreditar que não só já não sofreremos tanto, nem tão desesperadamente como antes, mas colocar mesmo a hipótese de toda a intensidade do sofrimento anterior ter sido uma miragem, um pesadelo causado pelo inflamado drama da juventude. E é então que chega o Mensageiro Universal, ofegante porque de tão longe, e diz: Estás a ver? Há, sempre houve, beleza, profundidade, nichos escondidos e benignos, pensamento, esperança.»

Na história que dá título a este tão aguardado livro de contos de Cláudia Andrade, o assombro e a alegria do milagre da ressurreição dão lugar ao desapontamento e ao incómodo de um ato de ilusionismo inoportuno, capaz de transformar uma ausência já consumada, quiçá desejada, na presença de um corpo limpo, ultraterreno, imune às marcas da vulgaridade humana.

Uma vez mais, a fragilidade do ser humano, as suas contradições e defeitos, a sujidade e as pulsões de vida, e o seu contraponto com uma ausência idealizada, «única forma de amor verdadeiro», continuam a ser o território de eleição desta extraordinária autora, que com ironia mordaz, numa prosa ágil e sem igual na literatura portuguesa, apresenta ao leitor um cortejo de personagens nas mais trágicas e absurdas peripécias da vida.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-638-3



9 789895 836383